

PRÁTICAS DE MEMÓRIA E INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÔNIO EM DIAMANTINA,
MINAS GERAIS
MEMORY PRACTICES AND PATRIMONY INTERPRETATION IN DIAMANTINA,
MINAS GERAIS

Elizabeth Aparecida Duque Seabra
Henrique Gonçalves de Oliveira

Resumo

O artigo reúne os resultados parciais de uma pesquisa empreendida em Diamantina, cidade considerada patrimônio cultural da humanidade pela Unesco desde 1999. O objetivo central da investigação é identificar as práticas de visita, engendradas por escolas e docentes, em diversos níveis de escolaridade, e as ações educativas de interpretação do patrimônio desenvolvidas pelas próprias instituições de memória da cidade, em especial o Museu do Diamante. Apresentam-se dados preliminares que levam a perceber em que medida os visitantes se constituem em comunidades interpretativas que enfrentam, elaboram e atribuem sentidos para conceitos do campo dos museus. São formuladas análises dos dados coletados por instrumentos como a observação direta e inquéritos com os visitantes residentes em três localidades mineiras: Pirapora, Mendanha e Diamantina. A pesquisa pressupõe que, para identificar as práticas de memória e interpretação do patrimônio, a partir da lógica dos visitantes, é importante entender como a cidade apresenta aos seus visitantes o “histórico” e o “colonial”. No caso de Diamantina, e de outras cidades mineiras, como são interpelados seus visitantes e apresentados os processos de interpretação, como um modelo, ou padrão original de arquitetura do século XVIII a ser preservado por suas instituições locais de memória e por meio de seus órgãos de preservação do patrimônio nacional.

Este projeto contou com o apoio financeiro e institucional da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), da Pró Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e

Mucuri (UFVJM), com a contribuição das bolsistas Ana Laura Pereira Dias (BIC-Jr FAPEMIG), Ana Terra de Lima (BIC-CNPQ) e Henrique Gonçalves de Oliveira (BIC-CNPQ) e do Professor Pesquisador Rogério Pereira Arruda.

Palavras-chave: Diamantina, Visitantes Museus, Museu do Diamante, Patrimônio, Memória

Abstract

This paper presents the partial results of a research held in Diamantina, historical city considered as patrimony of humanity by UNESCO since 1999. The main purpose of the investigation is to identify visitor practices in relation to schools and teachers, from different schooling levels, concerning the patrimonial interpretation done by memory institutions present in the city, specially the “Museu do Diamante”. The research also presents some observations about the extent to which visitors organize themselves as a community that deals, elaborates and attributes sense to concepts in the museum. The data analysis are formulated by instruments such as direct observation and surveys with visitors of three locations of the state of Minas Gerais: Pirapora, Mendanha and Diamantina. Finally, the research presupposes that to identify memory practices and patrimony preservation, from a visitors point of view, it is important to understand how the city presents the “historical” and “colonial” to its visitors. In Diamantina’s case (as well as in other cities in the state), the city presents the city and its interpretation processes as a model or as an original 18th century architecture pattern to be preserved by local memory and national institutions responsible for patrimony preservation.

Keywords: Diamantina, Museum Visitors, Museu do Diamante, Heritage, Memory

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa que deu origem a este artigo, em desenvolvimento a partir julho de 2013, tem por objetivo central a análise das práticas de memória e de interpretação do patrimônio presentes nas escolas de Ensino Fundamental e Médio e nas ações educativas do Museu do Diamante, Casa da Chica da Silva e Casa de Juscelino Kubitschek, em Diamantina.

Também busca subsidiar o desenvolvimento de projetos de investigação acadêmica e de intervenção pedagógica em contextos escolares e não escolares. Outro aspecto da pesquisa é possibilitar a produção de materiais didático-pedagógicos em diferentes modalidades de linguagem (escritas, sonoras, visuais e audiovisuais) em ambientes virtuais, ou impressos, que possam ser utilizados em escolas de nível Fundamental e Médio por professores de História e áreas afins. Por fim, a pesquisa tem uma dimensão prática que visa aprofundar a análise das experiências de visita escolar e de apropriação do patrimônio e da memória na cidade de Diamantina e região.

O Museu do Diamante, está instalado num dos prédios de referência da arquitetura civil do século XVIII na área central de Diamantina. O imóvel pertencia a família do Padre Rolim, um dos implicados na chamada Inconfidência Mineira, revolta ocorrida em 1789 contra a coroa portuguesa. Segundo dados do próprio museu, seu acervo é composto de 1.675 objetos do século XVIII e XIX, entre pinturas, esculturas, desenhos, cédulas, moedas, acessórios de interior, mobiliário, equipamentos, utensílios domésticos e de iluminação. A exposição de longa duração apresenta objetos relativos à extração diamantífera e ao contexto social minerador, reunindo peças da mineração de diamantes, armaria e instrumentos de tortura de escravos. Está subordinado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, tendo sido criado na década de 1940 (disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=12919&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>. Acesso Novembro 01, 2014).

A Casa Chica da Silva foi residência do desembargador João Fernandes de Oliveira (1720 - 1779), que nela viveu com a escrava Chica da Silva entre os anos de 1755 a 1770, quando era responsável pelos negócios de exploração diamantífera no antigo Arraial do Tijuco, hoje Diamantina. É propriedade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, tendo sido tombada em 1950 (disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?retorno=detalheInstitucional&sigla=Institucional&id=12955>. Acesso Novembro 01, 2014).

Transformada em memorial em 1985, a casa foi residência de infância e juventude do ex-presidente da república Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1966) nascido em Diamantina, Situada na área tombada da cidade, a Casa de JK contém em seu acervo objetivos pessoais, fotografias e uma biblioteca. Aberta ao público é administrada por uma fundação privada. (disponível em: <http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2011/07/casa-jk-memorial-de-juscelino.html>. Acesso Novembro 01, 2014).

Para a pesquisa sobre as práticas de memória e interpretação do patrimônio pelos visitantes, mais importante que identificar os primórdios da “fundação”, ou traçar uma genealogia da cidade, é entender o que a cidade apresenta aos seus visitantes como sendo o “histórico” e o “colonial”.

O primeiro processo de interpretação é realizado pelos próprios órgãos de patrimônio quando definem o que seria essa arquitetura do século XVIII a ser resguardada nas cidades mineiras. É o olhar dos “modernistas” sob o passado que define o conteúdo da futura cidade de Diamantina. É o tombamento pelo SPHAN que eleva o antigo arraial do Tijuco a um testemunho singular da arquitetura e urbanismo brasileiros, ligado a uma origem comum, à descoberta do ouro e diamantes. Ademais, o traçado de ruas sinuosas, com alargamentos e estreitamentos, becos, diversos ângulos e residências cujas fachadas são de uma mesma tipologia, constitui-se como modelo de cidade colonial (Gonçalves 2010, 31).

A abordagem teórico-metodológica desta pesquisa difere dos estudos de público marcados pela perspectiva da *recepção*, à medida que as visitas e os visitantes não se apresentam apenas como consumidores das propostas educativas elaboradas por consultores e especialistas. Considero as pesquisas de recepção como sendo aquelas que tomam o público de museus sob a perspectiva da “relação de transposição definida como a adaptação da temática do museu, ou da exposição - feita pelo intérprete - para o visitante” (Marandino, Almeida e Valente 2009, 22). Assim como o conceito de museu é marcado pela historicidade, ou seja, pela adequação aos vários cenários e conjunturas, a figuração dos públicos de museus também remete a diferentes práticas: ações de pesquisa, ações patrimoniais, ações educativas, exposições e colecionismos que implicam na atração de diferentes grupos para frequentar e produzir esses espaços como poéticos e políticos.

Do ponto de vista teórico esta investigação considera o museu contemporâneo como instituição cultural, espaço público, produtor de conhecimento, arena política, promotor de identidades, espaço de construção de memórias e de educação.

A relação entre o público e os museus é vista como recoberta de múltiplas temporalidades. Na condição de sujeito de práticas culturais específicas, cada museu é interpretado por diferentes agentes históricos. Em cada exposição, em cada visita o museu se atualiza. Compreender a historicidade dos *públicos* ou *visitantes* de museus implica, por consequência, em analisar como diferentes sujeitos se fazem presentes nas políticas e poéticas destas instituições e como fazem usos variados destes espaços públicos.

Almeida (2004, 2005) e Marandino (2009), estudiosas de público de museus no Brasil, indicam que a presença do visitante é registrada desde fins do século XVIII. Com interesses variados, colecionadores, filósofos, políticos, críticos e artistas preocuparam-se em conhecer o público de museus e tecer considerações sobre o uso que faziam da instituição. Pesquisas de público ou de recepção, servem a diversos interesses, desde orientar investimentos econômicos e políticas públicas, até conquistar credibilidade social para os museus. Além da museologia, áreas como a sociologia, a antropologia, a história e os estudos culturais revisitam, por meio de estudos empíricos e debates teóricos, o lugar do público de museus.

Os mais diversos tipos de estudos de público buscam entender como diferentes visitantes percebem o museu e associam valores às instituições museológicas. Desde a crítica sociológica aos museus dos anos de 1960-1970 realizada por Bourdieu e Darbel (1969), passando pelos chamados Estudos Culturais dos anos de 1980-1990, representados pelos trabalhos de Hooper-Greenhill (1999, 2000), Macdonald (2006), Hall (1997, 2003) e outros cujas pesquisas estavam em diálogo com as teorias da cultura na Inglaterra e EUA; também os teóricos franceses Desvales (2013), Deloche (2002), Poulot (2011, 2013), Rivière (1993), Pomian (1978) até os trabalhos de James Clifford (1988) criaram uma percepção do público de museus como resultado dos próprios inquéritos, das configurações culturais, das interações sociais e por situações simbólicas.

Segundo Esquenazi (2006), do ponto de vista empírico/qualitativo, os estudos de público foram se estabelecendo desde a década de 1930 quando investigadores norte-americanos começam a se interessar por traços da recepção dos meios de comunicação massivos sob a suspeita de que o *público* seria uma comunidade provisória, ou um conjunto de pessoas mais ou menos dispersas, que se identificavam com as personalidades que lhes eram apresentadas pelas transmissões de rádio. Os inquéritos, entretanto, demonstrariam que as escolhas políticas e a opinião popular eram mais influenciadas por personalidades locais influentes do que por recomendações veiculadas pela mídia.

A pergunta sobre o que fazem os utilizadores/usuários durante uma visita a um museu pode se desdobrar em diversos campos de conhecimentos acadêmicos e profissionais. A dinâmica conceitual no campo dos museus mobiliza áreas como comunicação, arqueologia, antropologia, museologia, arquivística, história e educação. Cada uma dessas comunidades interpretativas possui uma literatura especializada e enfrenta questões relativas aos problemas de método. Também elabora e atribui sentidos para conceitos operacionalizados no campo dos museus, tais como recepção, público, mediação, texto, escrita (comunicação); patrimônio e campo (arqueologia); exposição (museologia); memória, objeto, cultura material (história); arquivo, documento, processamento técnico (arquivística); formação (educação).

Do ponto de vista do conhecimento dos interessados - críticos, curadores, colecionadores, setores institucionalizados ligados aos museus, como gestores públicos e privados - apresenta-se politicamente certa concordância quanto à forma de expressão dos museus, ou se preferirmos, um discurso oficial sobre o que é um museu e suas funções de preservação, investigação e comunicação. Um exemplo desse movimento são as políticas e órgãos públicos de preservação do patrimônio.

OS MUSEUS E A CIDADE A CONHECER

O conceito de “cidade histórica”, entendida como um “bem comum”, objeto de conservação por inteiro e não apenas de alguns de seus monumentos, levou séculos para se afirmar e continua sendo questionado à medida que se considera que não existem cidades não-históricas e tão pouco consensos sobre os limites de intervenção ou modelos de referência capazes de orientar ações de preservação de um dado conjunto urbano (Choay 2006, 178-179; Argan 1993, 260).

A figura de um patrimônio arquitetônico e urbanístico como um bem a ser conservado tem origem no final do século XIX, vinculado a um caráter reverencial e intocável da cidade antiga. É nas primeiras décadas do século XX que se desenvolvem os pressupostos de conservação e restauração do patrimônio urbano com objetivos de conhecimento histórico e estético e com valor de uso para a contemporaneidade (Gonçalves 2010, 13).

No Brasil a institucionalização de políticas de patrimônio acompanha, de certo modo, o debate internacional. Logo após a aprovação do documento conhecido como Carta de Atenas, em 1931, o governo de Getúlio Vargas declarava a cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, patrimônio nacional e criava, em 1937, um órgão federal de preservação, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). A criação deste órgão público e sua longa trajetória implicaram na configuração de um campo de atuação e definição de políticas públicas relativas à memória e ao patrimônio cultural. O IPHAN hoje é um órgão público responsável por cerca de 21 mil edifícios tombados, 79 centros e conjuntos urbanos, 9.930 sítios arqueológicos cadastrados, mais de um milhão de objetos, incluindo acervo museológico, cerca de 834.567 volumes bibliográficos, documentação arquivística, registros fotográficos, cinematográficos e audiovisuais, além dos monumentos considerados Patrimônio Mundial (disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginalnicial.do>. Acesso em Agosto 12, 2014).

A salvaguarda do patrimônio arquitetônico, via tombamento, no discurso e nas práticas do SPHAN, teve como consequência a preservação de um conjunto de cidades mineiras na qual a cidade de Diamantina estava inserida. Entre os tombamentos feitos pelo SPHAN, em 1938, estavam seis cidades mineiras: Ouro Preto, Diamantina, Mariana, São João Del Rei, Tiradentes e Serro. Foram criados também, sob a tutela do Governo Federal, quatro museus mineiros, responsáveis pela fundação de um circuito museológico nas “cidades históricas” de Minas Gerais: o Museu da Inconfidência, o Museu do Ouro, o Museu do Diamante e o Museu de São João Del Rei. Julião (2008) fez a análise de quatro museus, mas não justificou a não inclusão em sua pesquisa do Museu Casa dos Otoni, fundado em 1949, que possui características e acervo semelhantes aos demais.

Gonçalves (2010), ao trabalhar a documentação arquivística gerada na troca de correspondências entre o órgão federal do patrimônio, os moradores e autoridades locais de Diamantina, levanta as práticas de preservação e as experiências empreendidas na cidade, entre 1938 e 1967, sob a gestão de Rodrigo Melo Franco de Andrade no órgão. Segundo a autora, na concepção

do SPHAN a cidade é entendida como um “documento de um período”, vista como um “conjunto” e não como a simples somatória de monumentos e bens individualizados (Gonçalves 2010, 192).

O SPHAN, ao propor como objeto de proteção o conjunto urbano, cujo olhar é voltado principalmente para a arquitetura, justificava suas práticas patrimoniais de preservação com a noção de “valor histórico” e “histórico-artístico”, inventando uma tradição de “cidades coloniais mineiras”.

A análise da atuação do SPHAN em Diamantina, realizada por Gonçalves (2010), reconstrói a dinâmica dos modernistas, da década de 1930, em torno da escolha de um passado. O dilema da volta ao tempo e o retorno às origens da cidade é respondido, no discurso inaugural do SPHAN e em suas práticas até a década de 1970, com a *invenção* da cidade histórica do século XVIII e o combate a toda a referência à arquitetura eclética nos anos que se seguem. Os arquitetos do patrimônio atuavam sob a diretriz de intervenção no conjunto urbano com base no pressuposto de uma “civilização mineira” como metáfora de uma identidade nacional. Esse modelo concebido pela direção do SPHAN era baseado na feição da arquitetura do século XVIII, com a negação das “importações” do século XIX e como uma ponte para o futuro conectando a tradição “construtiva brasileira através do uso dos elementos vazados, do purismo da cor branca, da linguagem dos materiais - como a pedra, a cerâmica e a madeira” (Gonçalves 2010, 198).

As “cidades reais” comparecem frente às políticas de preservação com seus diferentes agentes sociais: sua população, seus poderes locais e suas demandas nem sempre favoráveis às estratégias de atuação do SPHAN, que implicou em conflitos e negociações ao longo dos anos. A pesquisa que se propõe toma a cidade Diamantina como uma dessas cidade-patrimônio.

INVENTARIANDO PRÁTICAS DE MUSEALIZAÇÃO EM DIAMANTINA

Os procedimentos metodológicos adotados para a análise das práticas de visita nesta investigação combinaram reflexões teóricas, historiográficas e empíricas. Uma forma de constituir as fontes documentais, ou materializar as visitas e os visitantes, foi a utilização da observação direta de experiências concretas de visita e a realização de um inquérito que sistematiza o perfil dos visitantes e as práticas de visita entre 2013 e 2014 nos principais museus de Diamantina.

Entre agosto de 2013 e abril de 2014, foram realizadas pela equipe do projeto atividades de leitura e discussões para a definição de categorias e elaboração de instrumentos de recolha de dados. Teve início também a observação direta das visitas no Museu do Diamante pela bolsista de Iniciação Científica. Essas observações geraram um relatório que teve como foco os visitantes e as formas de abordagem da exposição e recepção disponibilizada pelos “guias” do próprio Museu. A bolsista também se ocupou em relatar as visitas escolares agendadas e a forma como os diferentes visitantes foram recebidos no Museu do Diamante. Nesse primeiro momento da observação priorizou-se o questionamento das atividades desencadeadas pelo museu, tendo em vista a avaliação dos próprios responsáveis pela condução das visitas e não a perspectiva dos visitantes propriamente ditos.

A observação no Museu do Diamante e na Casa Juscelino Kubitschek permitiu perceber as complexas interações entre os visitantes e o patrimônio musealizado, como a procura por objetos específicos em exposição cujos usos devem ser apreendidos: obras de arte, documentos, fotografias, pinturas, mobiliário.

O estudo das práticas cotidianas e os procedimentos adotados num dia comum de funcionamento dos museus da cidade permitem apreender a dinâmica que se revela nas entrelinhas das discussões teóricas e as vivências de pertencimento dos cidadãos comuns.

A bolsista de Iniciação Científica Júnior - BIC-Jr, por sua vez, dedicou-se a um levantamento das práticas pedagógicas e de visita a museus no Colégio Tiradentes da Polícia Militar, em Diamantina, que completou 50 anos em 2013. A estudante do Ensino Médio até dezembro de 2013 também participou diretamente da elaboração e transcrição de uma entrevista realizada com a professora de História da referida escola. O tratamento dessa entrevista está sendo realizado com vistas à apresentação de novo artigo sobre a temática das visitas escolares na cidade de Diamantina.

Em um segundo momento da pesquisa foram realizados, já pelo bolsista Henrique Oliveira, levantamentos sobre o perfil dos visitantes e das visitas na Casa de Juscelino Kubitschek e no Museu do Diamante. A partir desse conjunto de dados, entrevistas, relatórios de observação, inquéritos/questionários sobre o perfil dos visitantes pretende-se elaborar os produtos indicados no projeto, como, por exemplo, este artigo. A pesquisa empírica, desenvolvida pela bolsista de Iniciação Científica junto ao Museu do Diamante, permitiu algumas observações.

Na leitura do livro de visitantes, registro das entradas individuais e pequenos grupos, é possível identificar assinaturas de pessoas de diversas regiões do Brasil e estrangeiros. Observa-se também um número expressivo de assinaturas de pessoas de Belo Horizonte.

Já a agenda de visitas escolares do Museu do Diamante é intensa em alguns dias e, em outros, recebe poucos visitantes. A bolsista observou e registrou essa variação de ritmo. No dia 30 de agosto de 2013, às 14:40h, o museu foi visitado por alunos da Escola Coronel Francisco Ribeiro, do município de Coração de Jesus (MG), próximo a Montes Claros. No dia 31 de agosto de 2013, sem horário marcado, 15 alunos do curso de Agente de Informação Turística do SENAC, em Diamantina, visitaram o Museu do Diamante. No dia 5 de setembro de 2013 foram 40 alunos da Escola Santo Agostinho em uma visita organizada por uma agência de turismo de Belo Horizonte, com guia próprio; no dia 29 de setembro de 2013, às 10:40h, alunos do Colégio Sênior de Montes Claros.

Tanto a oferta dos serviços educativos pelos museus, quanto a apropriação feita pelos visitantes em relação ao patrimônio musealizado estarão relacionadas ao fato de agendarem, ou não, uma visita. Uma visita agendada, com objetivos específicos pelo professor, permite, ao próprio museu, oferecer um aprofundamento maior do conteúdo da exposição permanente.

A bolsista descreve uma dessas visitas agendadas: “Marcos Xavier, historiador do museu, recebe a excursão escolar de 49 adolescentes, acompanhados de alguns pais. O responsável pela turma preenche uma ficha interna do museu. Antes de começar a visita, Marcos faz uma pequena palestra sobre as regras de visitação e explica a razão de cada uma. Entre elas, estão: não tocar nos objetos, não correr no museu, falar baixo e não usar o *flash* das máquinas e filmadoras. Explica também um pouco do funcionamento do museu e “pula” algumas partes técnicas. Faz um relato da história do diamante em Diamantina, e conta sobre a história de vida do Padre Rollin. Após a palestra, os visitantes são divididos em três grupos, para não superlotar as salas, e os guias presentes no momento ajudam na excursão pelo museu. Eles descrevem detalhadamente cada sala e seus objetos, abrindo espaço para perguntas e dúvidas. Durante a visita desses estudantes, apareceram outros visitantes para conhecer o museu, mas era explicado a eles o que estava acontecendo e pediam para retornar mais tarde, devido ao fato de o museu ser pequeno e não ter guias suficientes para o momento. Alguns desses visitantes retornavam em outro horário sem problemas, outros ficavam insatisfeitos e queixosos” (Ana Terra

de Lima. Registro de atividades de campo. Museu do Diamante, 30/08/2013 a 04/09/2013.)

Do ponto de vista do professor que faz o agendamento, a avaliação do trabalho do museu também se mostra muito positiva quando consegue relacionar os conteúdos escolares com a exposição. Isso pode ser visto na entrevista com a professora do Colégio Tiradentes.

As escolas têm expectativas, nem sempre cumpridas, em relação a visitas a museus, tais como: palestras sobre a história da cidade, o aprofundamento sobre a história e a formação do acervo do museu, e uma detalhada apresentação das salas, para que possam se apropriar da história contada no museu e relacioná-la ao aprendizado da sala de aula.

VISITANTES DE MUSEUS: SUAS COLEÇÕES, INVENTÁRIOS E RESERVAS TÉCNICAS

O Museu do Diamante, criado em 1954, tem como atribuição: “recolher, classificar, conservar e expor elementos característicos das jazidas, formações e espécimes de diamante ocorrentes no Brasil, bem como objetos de valor histórico relacionados com a indústria daquela mineração em face dos aspectos principais do seu desenvolvimento, da sua técnica e sua influência na economia e no meio social do antigo Distrito de Diamantina e de outras regiões do país” (Lei de criação do Museu do Diamante de 1954, citada por Julião 2010, 224).

Este discurso inaugural do Museu continua sendo repetido pelo próprio museu em seus materiais institucionais, ainda que seu acervo seja bastante diversificado e predominem os utensílios e objetos domésticos (30,8%), seguido de peças de mobiliário (23,4%) dos bens inventariados em Diamantina pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como pertencente a museus e casas históricas na cidade. (Julião 2008, 312).

A exposição, que pode ser atualmente visitada no Museu do Diamante, mantém objetos ligados à “civilização do diamante” com destaque para pedras preciosas, balanças de pesagem de ouro e diamante e fotografias representando cenas de garimpo e mineração na região. O Museu parece responder à expectativa de que um Museu do Diamante se destaque a extração diamantífera e se exponha a “história” da região nos séculos XVIII e XIX quando havia a hegemonia dessa atividade econômica. Em linguagem corriqueira, o museu preservaria e

apresentaria os objetos ou coisas velhas/antiguidades relacionadas ao passado da região. Existe disponível uma visita virtual ao Museu do Diamante, disponível em: http://www.eravirtual.org/?page_id=5091 (Acesso Agosto 20, 2014). A exposição permanente sofreu modificações no primeiro semestre de 2014.

A constituição de um conjunto de dados sobre os visitantes, nessa pesquisa, partiu da premissa de que a visita ao museu promove um “circuito de cultura”, no qual a relação museu/visitante não está pautada pelos conceitos de emissão/recepção. O visitante é considerado uma presença, um *corpus* que, dentro de seus próprios quadros culturais, completa e remonta o museu e suas exposições durante e após a visita. Ou seja, o visitante se auto representa frente ao museu com os emblemas de sua profissão, de seu pertencimento cultural, e inclui, no território oficial da memória fixada pelo museu, a sua participação como cidadão de cultura, como espectador emancipado (Rancière 2010, 28; Seabra 2012, 9-43).

Identificar entre os públicos de museus, em Diamantina, um conjunto de visitantes e selecioná-los para análise foi, em grande medida, organizar estratégias para dar visibilidade aos visitantes reais. Os instrumentos e critérios de constituição do *corpus* documental para a pesquisa foram circunstanciais e definidos simultaneamente às leituras teóricas e metodológicas, combinadas às possibilidades reais de observação e coleta de dados nos museus locais. O roteiro utilizado em Diamantina foi, com algumas adaptações, utilizado por (Seabra 2012, 184-185).

O visitante aqui historiado é considerado em uma situação relacional. Uma série de condições no espaço-tempo, como o fato de estarem matriculados em uma mesma instituição de Ensino Superior; disporem de tempo e recursos financeiros para viajar; disporem também de tempo para responder a um questionário após a visita, ou, serem parte de um grupo de estudantes do Ensino Fundamental que tiveram uma visita promovida por sua escola.

Foi utilizado um inventário que sistematiza o perfil dos visitantes e as práticas de visita entre 2013 e 2014 nos principais museus de Diamantina. Optou-se por apresentar alguns dados desse levantamento que busca sistematizar o perfil dos visitantes e permite caracterizar a prática de visitas na cidade. O inquérito está dividido em três partes. A primeira parte preocupa-se com dados gerais como idade, sexo, atividade remunerada, renda familiar. A segunda parte traz questões relativas às práticas de visitas a museus; uma terceira, aprofunda as situações de visita tendo em vista imagens e conceitos de museu, memória, patrimônio e uma avaliação dos próprios museus visitados.

Esse levantamento, depois de respondido individualmente, sem identificação nominal, recebeu um tratamento estatístico na forma de gráficos. Isso permitiu uma visualização do perfil dos visitantes e uma reorganização das práticas de visita, considerando grupos específicos e tornando possíveis comparações relevantes. Esse mapeamento inicial das experiências de visita sugere algumas conclusões a respeito de como um público específico interpreta um cenário institucional, a chamada “cidade histórica” e seus museus, e lhe dá sentidos (Gráficos 1 a 4).

Responderam, espontaneamente, ao inquérito um total de 84 visitantes. Uma primeira hipótese sobre os visitantes era que se tratavam de turistas e não moradores da cidade de Diamantina. Assim, o local de moradia foi a primeira variável escolhida, dentre outras como a renda, sexo, idade, escolaridade, que fazem parte do levantamento e compõem o perfil dos visitantes em Diamantina.

O local de residência permitiu estabelecer um primeiro *tratamento experimental* comparativo em relação aos dados estatísticos gerados a partir dos questionários. Critérios como a renda média informada, sexo ou mesmo o tipo de atividade profissional exercida individualmente não se apresentaram como comparações relevantes e capazes de influenciar nas práticas de visita.

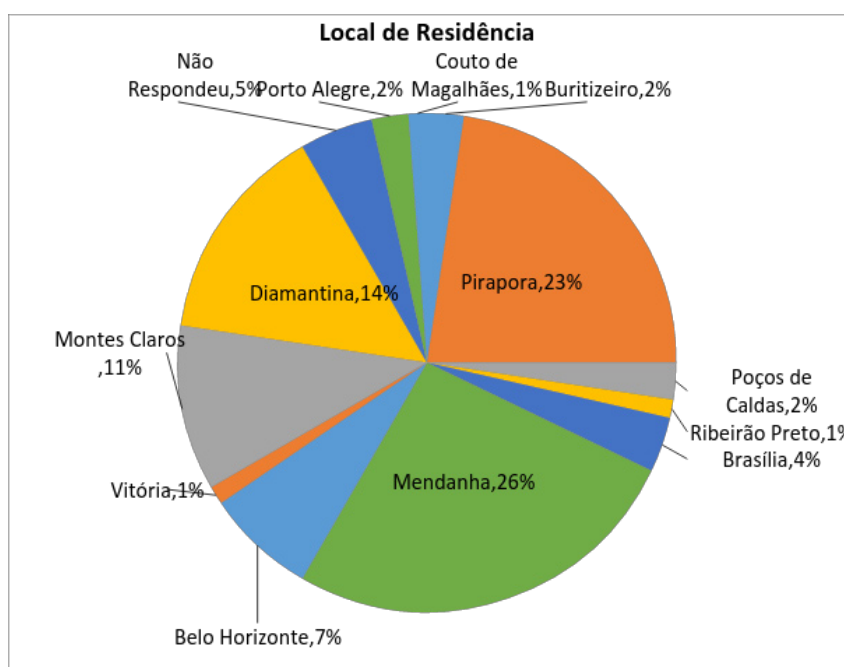


Gráfico 1. Local de residência: Total de visitantes 84

A leitura dos dados do Gráfico 1 permite inferir quatro diferentes tipos/grupos de visitantes. O grupo maior, que totaliza 26% dos visitantes, compõe-se de residentes em Mendanha, uma localidade distante 27 km de Diamantina, com origens no século XVIII e ligada a atividades mineradoras às margens do Rio Jequitinhonha. O distrito possui atrativos como o Caminho dos Escravos, o Parque Estadual do Biribiri, cachoeiras, pinturas rupestres, o próprio Rio Jequitinhonha, festas religiosas e populares, igrejas e um cemitério de escravos. Disponível em: <http://www.turismosolidario.com.br> (Acesso em Agosto 20, 2014).

São 22 estudantes do Ensino Fundamental da única escola pública municipal deste distrito de Diamantina. Participavam neste mesmo dia da visita ao Museu do Diamante e ao “centro histórico” da cidade, acompanhados de professores de História, monitores da UFVJM e de guias ligados à Secretaria de Turismo e Patrimônio da prefeitura municipal. O projeto de pesquisa acompanhou o grupo de estudantes e fez o registro fotográfico da visita ao Museu e aos pontos turísticos da cidade. Esse material será utilizado em outras análises.

O segundo grupo de visitantes veio de Pirapora (23%), Montes Claros (11%) e Buritizeiro (3%). Essas três cidades são próximas entre si e ficam a aproximadamente 170 km de Diamantina. Tratava-se de um grupo de 31 estudantes do Ensino Superior que agendaram uma visita ao Museu do Diamante.

O local de residência permite identificar um terceiro grupo de 12 visitantes moradores em Diamantina. A visão de que os visitantes de museus, em Diamantina, são turistas foi parcialmente desfeita ao identificarmos que este grupo de estudantes universitários faz uso dos museus como dispositivos pedagógicos para sua formação. Esses estudantes exercem atividades remuneradas como bolsistas e monitores em ações ligadas ao patrimônio e turismo, e visitam museus para realizar trabalhos escolares práticos. Também conhecem diversos museus do país por meio de visitas técnicas organizadas por seus cursos de graduação.

É importante ressaltar que, mesmo recebendo grupos agendados, o Museu do Diamante e a Casa de Juscelino Kubitschek, nos quais foram recolhidos os dados, recebiam visitantes espontâneos que se dispuseram a responder ao inquérito. Destacam-se dentre esses visitantes pequenos grupos e famílias de Belo Horizonte e de diferentes cidades do país.

Optamos aqui por aprofundar o trabalho com os três grupos de visitantes oriundos das localidades de Pirapora, Mendanha e Diamantina. Para Pirapora

foram agregados os dados dos residentes em Montes Claros e Buritizeiro que faziam parte do mesmo grupo de visitantes. Esse recorte constitui um *público* que se associa para realizar ações coletivas de uso e apropriação da cidade e dos museus por meio de visitas escolares.

A hipótese é identificar e confrontar, principalmente, dois dados a respeito desses três grupos: quantas vezes visitaram museus (Gráfico 2 e 3) e quais palavras cada um desses grupos associa a museu (Gráficos 4, 5 e 6). Ao relacionar o número de visitas aos conteúdos associados por cada grupo ao museu podemos, talvez, inferir algumas relações entre o que é o sentido do patrimônio apropriado socialmente pelos visitantes.

A proposta de inquérito que leva os visitantes a associarem livremente três palavras aos museus levanta a questão da *experiência* e da *representação*. Cada grupo de visitantes mobiliza e partilha conhecimentos para interpretar as representações elaboradas institucionalmente pelos museus. Os visitantes agem e sofrem conjuntamente experiências e elaboram interpretações solicitadas por esses ambientes e pela *comunidade interpretativa* da qual provêm (Becker 2009, 73).

Acredita-se que a ação de percorrer diferentes museus pode influir na forma de o visitante selecionar e apresentar um *conceito* de patrimônio materializado num acervo de uma instituição específica. Ou seja, nos três grupos destacados temos ações educativas de interpretação do patrimônio promovidas por instituições escolares e museus para grupos de estudantes.

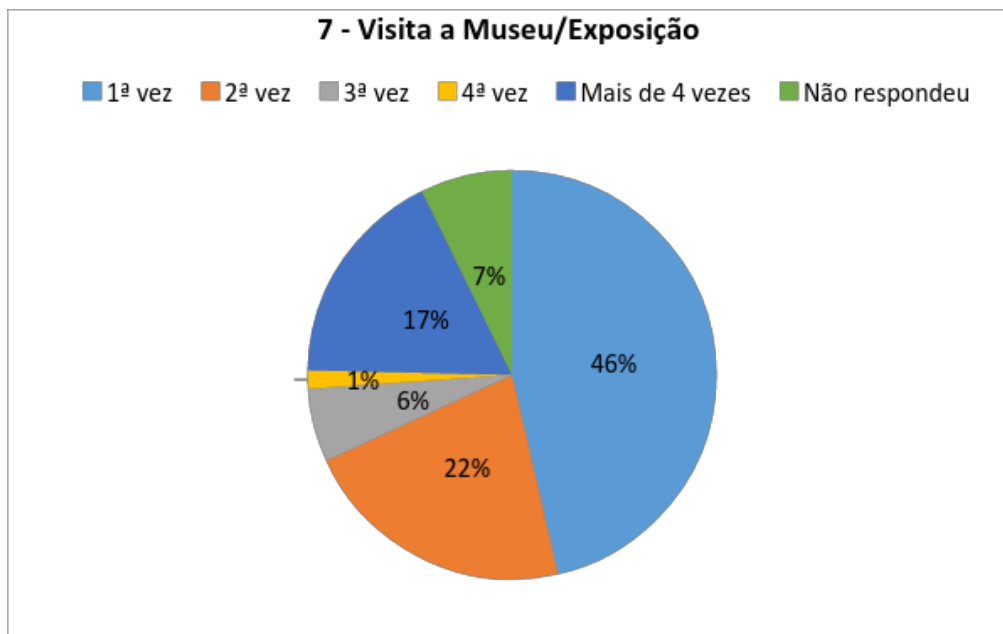


Gráfico 2. Quantas vezes visitou museus/exposições. Os dados referem-se ao total de 81 visitantes que responderam ao inquérito

Quando consideramos o total dos visitantes do inquérito, constatamos que a maior parte (46%) declara estar visitando um museu pela primeira vez. Um segundo grupo visita pela segunda vez (22%) e um terceiro já visitou museus mais de quatro vezes (17%). Se os dados são decompostos, considerando o local de residência, temos novamente a confirmação de que esses grupos correspondem aos residentes em Mendanha, Diamantina e Pirapora.

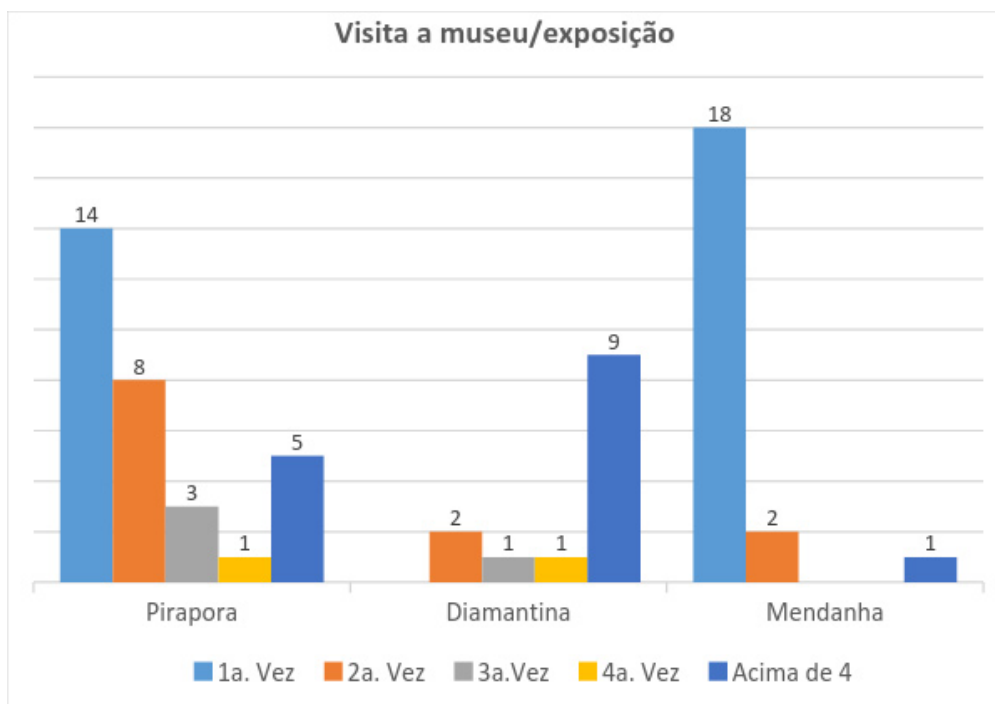


Gráfico 3. Visita a museus/exposições - Pirapora, Diamantina e Mendanha. Total de visitantes: Pirapora - 31 (agregados dados de Montes Claros e Buritizeiro), Diamantina - 13 e Mendanha - 21.

O grupo de Pirapora, que inclui os visitantes de Montes Claros e Buritizeiro, é o mais heterogêneo dentre os demais. A maioria declara visitar museus pela primeira vez. Esse grupo tem entre 19 e 45 anos, sendo que a maioria exerce atividades remuneradas como professor, servidor público e prestação de serviços. É também o grupo que mais declara visitar pela segunda vez museus e tem na visita organizada pela escola a razão principal que o levou às visitas. É interessante notar que no grupo há um número expressivo de visitantes mais frequentes a museus que declaram ter visitado esses locais mais de quatro vezes. Quando solicitados a apontar os quatro últimos museus visitados, alguns citam museus de Diamantina e de Ouro Preto.

O grupo residente em Diamantina fez, majoritariamente, mais de quatro visitas. Este grupo declara não exercer atividade remunerada. Também visita museus com a escola, embora muitos apontem que têm interesse e costume de visitar por conta própria museus e exposições.

No grupo de Mendanha, composto por adolescentes entre 13 e 17 anos, identifica-se o dia da primeira visita e o Museu do Diamante como o primeiro

visitado. Vê-se que são acompanhados da professora, que declara visitar o espaço mais de quatro vezes, e de dois outros que estão entrando pela segunda vez em um museu.

Pode-se levantar a hipótese de que a visita a um número maior de museus e o conhecimento de diferentes tipos de acervos e exposições influencia na representação que se tem acerca do que é um museu. Se temos, assim, um grupo que visita pela primeira vez (Mendanha) um museu, a representação de museu pode corresponder aos objetos/exposição vistos recentemente agregada às imagens que tinham genericamente (conhecimentos tácitos) ou *memória social*. Jeudy (1990, 3) apresenta uma reflexão sobre a memória coletiva ou “patrimônio” a partir de uma lógica que abriga conflitos internos, esquecimentos e destruição e não apenas signos identitários.

Considerando os três diferentes grupos de visitantes, a palavra mais associada a museus é História. Tanto os estudantes do Ensino Superior (Pirapora e Diamantina), quanto aqueles do Ensino Fundamental (Mendanha) têm como “modelo” um museu de história e reconhecem a história nos museus visitados. Uma história que se associa ao patrimônio e a antiguidades (Diamantina), a velho/antigo (Mendanha) e a antiguidade e relíquias (Pirapora). A ideia de que o museu materializa a cultura está presente neste jogo de nomear práticas e interpretar conceitos.

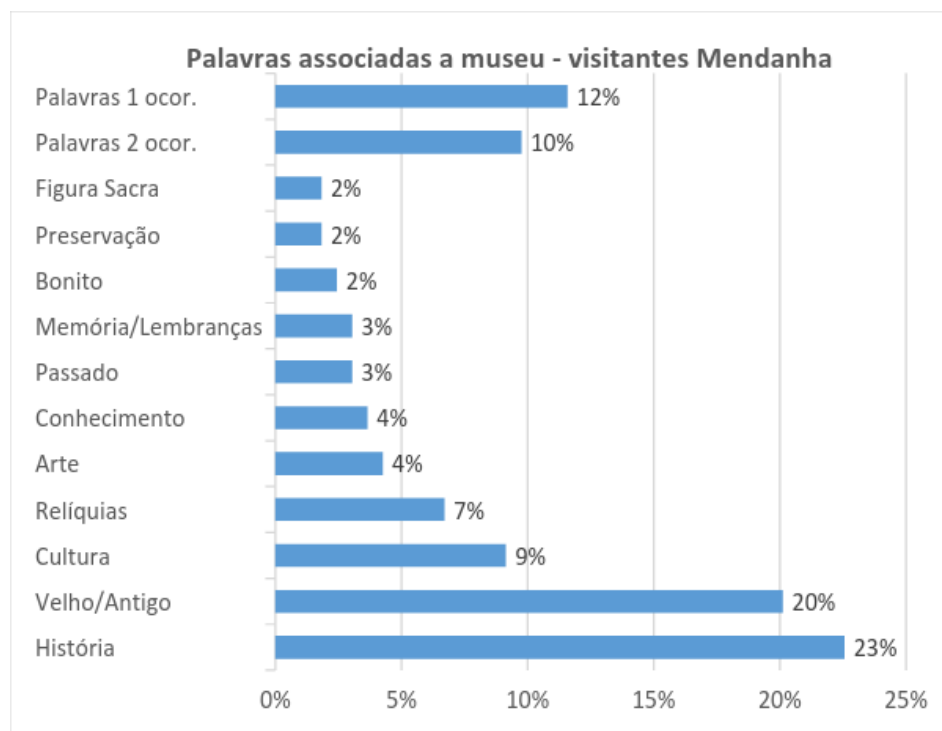


Gráfico 4. Palavras associadas a museu - Mendanha

Os visitantes de Mendanha apresentaram um total de 12% de palavras com apenas uma ocorrência e 10% com duas ocorrências. Parece difícil distinguir as práticas de visitas e de interpretação do patrimônio por essas palavras. Poderíamos supor, por um lado, que os visitantes de Mendanha tenham um repertório/vocabulário menos extenso para descrever o que viram no Museu do Diamante, uma vez que as palavras acervo, patrimônio e memória não são utilizadas. Por outro lado, ao associar o museu a *cultura* (9%) e a *arte* (4%) estariam dizendo de seu caráter formativo?

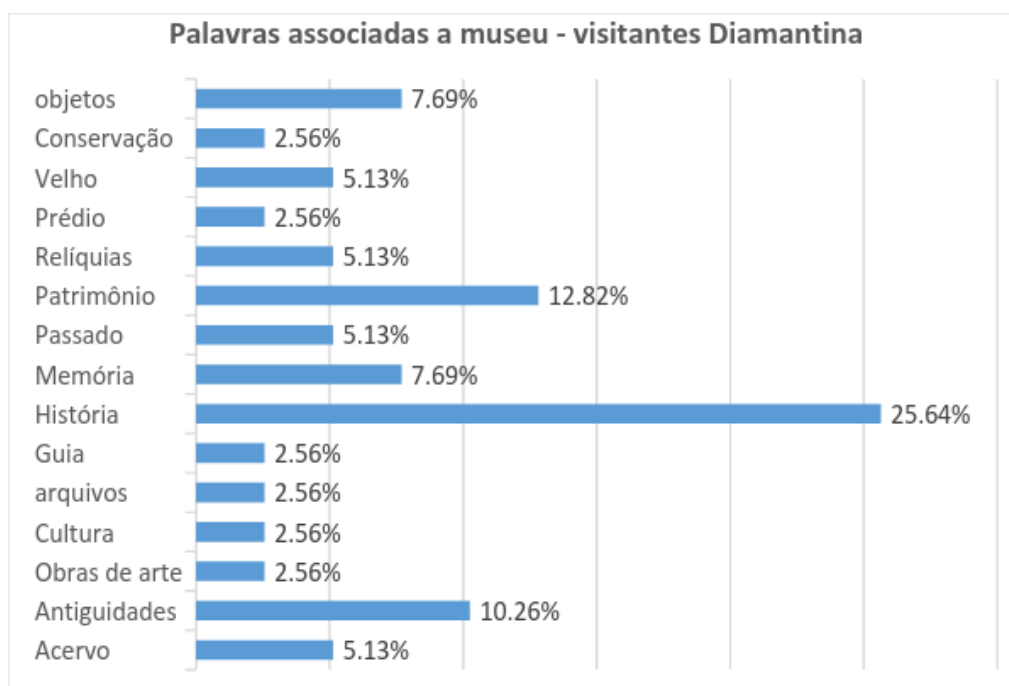


Gráfico 5 - Palavras associadas a museu - Diamantina

Entre os visitantes de Diamantina, o surgimento das palavras antiguidade (10,2%) e velho (5,1%) pode ser lido como uma descrição ou já seria parte de uma leitura crítica das exposições que colocariam em prática a necessidade de atualização e remontagem dos critérios internos aos museus? Essa hipótese pode ser considerada tendo em vista que estão presentes conceitos substantivos como o de memória (7,6%) e patrimônio (12,8%). Também comparecem palavras relacionadas aos procedimentos técnicos e internos da cultura museal: *acervo* (5%), *guias* (2%), *arquivos* (2%) e *objetos* (7%).

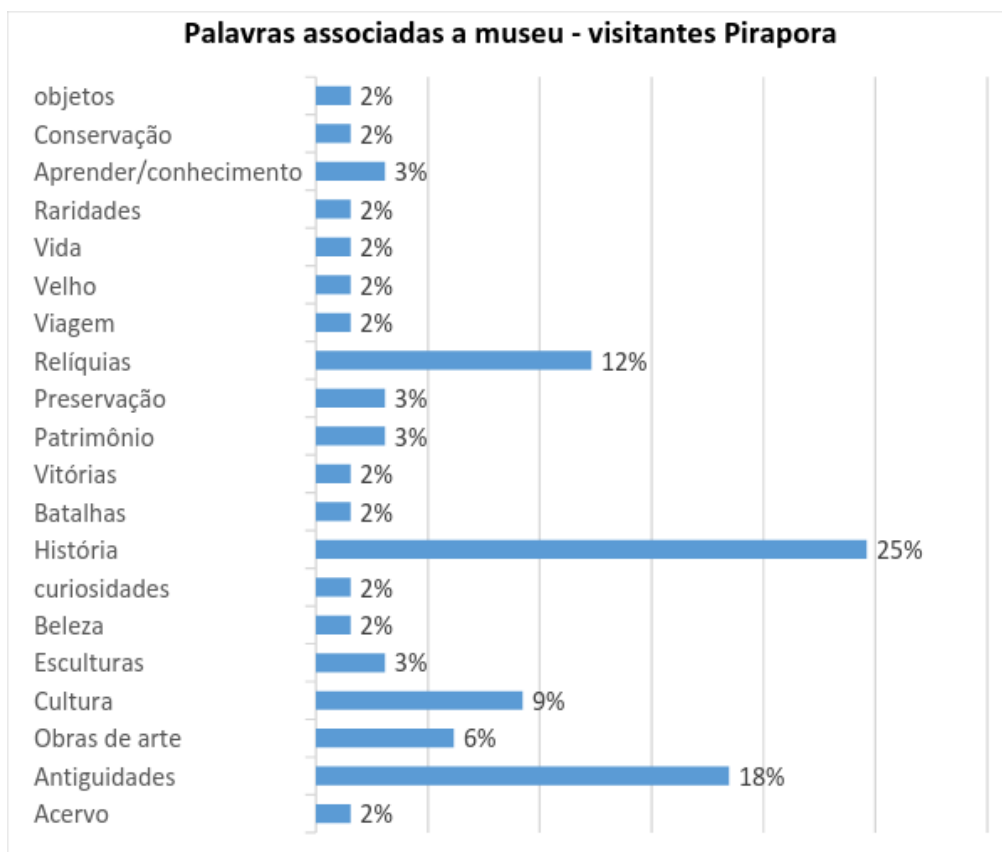


Gráfico 6. Palavras associadas a museu - Pirapora

Os visitantes de Pirapora, assim como os de Mendanha e Diamantina, traçam um conjunto de práticas marcadas pelas pautas da cultura escolar e da cultura museal. O museu é lugar de aprender/de conhecimento. A visita gera esse encontro com as “coisas” do museu, que eles chamam de *relíquias* (12%) e de *antiguidades* (18%). Não se sabe aqui o grau de adesão dos visitantes a esses objetos oferecidos a visibilidade. Sabe-se que são reconhecidos pelo seu valor em relação à *cultura* (9%).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos aqui apresentados permitem algumas considerações sobre a negociação de sentidos feita pelos visitantes para a preservação de um patrimônio. Por um lado, o visitante não é indiferente aos discursos que pretendem salvaguardar um objeto da destruição comum nos ambientes museológicos. Ele é afetado, em geral, pelo sentido de que a cidade e a memória são monumentais, compostas de raridades que estão guardadas, a salvo, nos museus.

Por outro lado, ao percorrer ruas, praças, lojas e museus, ao se colocar na condição de testemunha da encenação da história, a concepção passadista de conservação, limitada a reconhecer o cenário, os ambientes e objetos do passado, pode se tornar mais audaciosa e projetar um futuro para a cidade. A visão nostálgica pode ser tocada por imagens que apontem as multiplicidades da construção do patrimônio e as contradições que se estabelecem em torno de quais memórias foram preservadas e para quem estão dirigidas.

Considerando as palavras associadas aos museus é possível afirmar que os visitantes apresentam uma prática de coletar e formar novas coleções. O visitante reúne e coloca em circulação, com a ampliação do número de visitas, diferentes coleções constituídas por seus próprios referências e não apenas pelo acervo de cada museu isoladamente. Os visitantes fazem um uso prático da cidade e dos museus para elaborar um conhecimento que utiliza formas particulares de seleção e organização da memória social.

Os visitantes dos três grupos apresentados, quer tenha ido uma única vez ao museu ou frequentado mais de quatro museus, agem como viajantes que carregam suas próprias bagagens, seus emblemas de pertencimento cultural que inclui suas observações sobre os territórios oficiais da memória e o reconhecimento de espaços como os dos museus como “casas de pertencimento” e de “presença” do visitante.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, Adriana Mortara. 2005. “O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte”. In *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, V. 12 (suplemento) (31-53).

Almeida, Adriana Mortara. 2004. “Os visitantes do Museu Paulista: um estudo comparativo com os visitantes da Pinacoteca do Estado e do Museu de Zoologia”. In *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, V. 12 (269-306).

Argan, Carlo Giulio. 1993. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.

Becker, Howard Saul. 2009. *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED.

Bourdieu, Pierre e Darbel, Alain. 2003. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. Porto Alegre, Editora Zouk, São Paulo, USP.

- Calvino, Ítalo. 2008. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Choay, Françoise. 2006. *A alegoria do patrimônio*. 3.^a ed. São Paulo: Estação Liberdade; UNESP.
- Clifford, James. 1988. *The predicament of culture: twentieth-century ethnography, literature and art*. Cambridge, Harvard University Press.
- Deloche, Bernard. 2002. *El Museu Virtual*. Tradução de Lourdes Pérez. Asturias, Ediciones Trema.
- Desvallées, André e Mairesse, François. 2013. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura.
- Esquenazi, Jean-Pierre. 2006. *Sociologia dos públicos*. Porto, Porto Editora.
- Hall, Stuart. 1997. *Representation: cultural representations and signifying practices*. London; Thousand Oaks, California, Sage in Association with the Open University.
- Furtado, Júnia Ferreira. 1996. *O Livro da Capa Verde: o Regimento Diamantino de 1771 e a vida no Distrito Diamantino no período da Real Extração* (Vol. 52). São Paulo: Annablume.
- Furtado, Júnia Ferreira. 2003. *Chica da Silva e o contratador dos Diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Godinho, Paula. (Org.) 2012. *Usos da memória e práticas do patrimônio*. Lisboa: Colibri.
- Gonçalves, Cristiane Souza. 2010. *Experimentações em Diamantina. Um estudo sobre o IPHAN no conjunto urbano tombado. 1938-1967*. Tese de doutoramento. São Paulo: USP.
- Hall, Stuart. 2003. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília, UNESCO.
- Hooper-Greenhill, Eilean. 1999. *The educational role of the Museum*. 2.^a edição. London e New York: Routledge.
- Hooper-Greenhill, Eilean. 2000. "Exhibitions and interpretation Museum Pedagogy and Cultural Change". In *Museum and interpretation of Visual Culture*. London, New York, Routledge.
- Jeudy, Henri-Pierre. 1990. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Julião, Letícia. 2008. *Enredos museais e intrigas da nacionalidade: museus e identidade nacional no Brasil*. Tese de doutoramento. Belo Horizonte: UFMG.
- Lima Júnior, Augusto de. 1945. *História dos diamantes em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Edições dois mundos.
- Macdonald, Sharon. 2006. *A companion to Museum studies*. Oxford, England: Berg Publishing.
- Machado Filho, Ayres da Mata. 1980. *Arraial do Tijuco, cidade de Diamantina*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo, USP.

Marandino, Martha. Almeida, Adriana Mortara e Valente, Maria Esther Alvarez (Org.). 2009. *Museu: lugar do público*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Masachs, Roser Calaf. 2009. *Didáctica del patrimonio: epistemología, metodología y estudio de casos*. Asturias: Ediciones Trea.

Pomian, Krzysztof. 1978. "Coleção" In *Enciclopédia Einaudi*, vol.1, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (51-86).

Poulot, Dominique. 2011. "O modelo republicano de museu e sua tradição". In Borges, Maria Eliza Linhares (Org.), *Inovações, coleções, museus*. Belo Horizonte: Autêntica.

Poulot, Dominique. 2013. *Museu e Museologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Rancière, Jacques. 2010. *O espectador emancipado*. Lisboa: Orfeu Negro.

Rivière, George Henri. 1993. *La museología: curso de museología/ textos e testimonios*. Madrid, Akal.

Santos, Joaquim Felício dos. 1976. *Memórias do Distrito Diamantino*. Belo Horizonte: Itatiaia. 4.^a ed.

Seabra, Elizabeth. 2012. *Visitas de estudantes a museus: formação histórica, patrimônio e memória*. Tese de doutoramento. Campinas: Unicamp.

Xavier, Marco Antonio. 2012. "Garimpando informação no museu". In *Revista do Edicc*, Campinas, Unicamp, V. 1, n.º 1 (330-335).